

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 3, Hebreus 2: 5-18: Esperança e Ajuda no Filho

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Na apresentação anterior, examinamos o primeiro grande bloco argumentativo de Hebreus, a saber, capítulo 1, versículo 1, até o capítulo 2, versículo 4, que descobrimos estarem unidos em uma unidade com base em um silogismo subjacente. O autor havia significativamente ornamentado esse silogismo com afirmações elogiosas sobre o Filho, Jesus, e com passos menores na argumentação geral. O restante do segundo capítulo de Hebreus continua a desenvolver os fortes temas cristológicos que foram introduzidos no primeiro capítulo.

Ele faz isso, no entanto, não apenas com a visão de dar peso à seriedade de atender às palavras ditas pelo Filho , mas também com o objetivo de fornecer conforto pastoral e esperança ao público, que perdeu honra e status neste mundo como resultado de sua resposta ao Filho até este ponto. A peça central deste segmento é a leitura cristológica do autor do Salmo 8, versículos 4 a 6, na qual ele estabelece que o caminho de Jesus através do sofrimento para a glória é o caminho pelo qual os muitos filhos e filhas devem esperar viajar se desejarem chegar ao seu destino divinamente designado. O autor continua pelo restante do capítulo e então reflete sobre a adequação da chegada de Jesus à glória somente após o sofrimento.

Porque a situação dos seres humanos é ser submetido ao medo da morte e precisar de libertação para enfrentar provações e testes, Deus, em sua previsão, preparou o Filho antes do tempo para ser seu pioneiro, levando-o através do sofrimento para a glória à frente deles. Dessa forma, os ouvintes podem ter certeza de que suas experiências desagradáveis atuais não são realmente um sinal de estarem distantes de Deus, mas sim de estarem exatamente onde Deus sabia que estariam ao seguirem os passos do Filho no caminho para a glória. Em Hebreus 2, versículos 5 a 9, o autor introduz o texto do Salmo 8 que ele explicará com as palavras: Pois não foi aos anjos que ele sujeitou o mundo vindouro sobre o qual temos falado.

Com a palavra para, o autor introduz o que se segue como uma justificativa para o capítulo 2, versículos 1 a 4, continuando a apoiar o chamado para dar à palavra do Filho a devida atenção na vida de alguém. Já notamos que o mundo vindouro aqui é o reino divino, que, embora exista agora para Deus e os seres espirituais que o povoam, ainda não é acessível aos seres humanos e, portanto, da nossa perspectiva, é um reino vindouro. É um reino que aparecerá quando os céus e a terra físicos forem abalados e removidos.

O ponto do autor aqui é que, ao sujeitar este mundo vindouro à autoridade do Filho, Deus deu ao Filho autoridade sobre quem entraria naquele mundo e, portanto, a resposta contínua de alguém ao Filho é determinante para o lugar de alguém no

reino vindouro. Encontraremos o Filho como inimigos a serem submetidos sob seus pés, como a citação do Salmo 110 promete? Ou encontraremos o Filho como os muitos filhos e filhas que abraçaram e foram abraçados pelo Filho para serem bem-vindos neste reino? O autor agora continua citando o próprio texto do salmo. Alguém em algum lugar deu testemunho, dizendo: O que é o homem para que te lembres dele, ou o Filho do homem, para que te preocupes com ele? Tu o fizeste um pouco ou um pouco menor do que os anjos.

Tu o coroaste de glória e honra. Tu sujeitaste todas as coisas sob seus pés. Em seu contexto original, o Salmo 8 seria lido simplesmente como uma celebração do lugar dos seres humanos na criação de Deus.

As linhas, o que é um ser humano para que você se lembre dele, o que são os filhos dos seres humanos para que você tenha cuidado deles, tradicionalmente teriam sido entendidas como referências gerais a todos os mortais. Pode ser significativo que o autor de Hebreus tenha pulado uma linha desses versículos no salmo original. Você o colocou sobre as obras de suas mãos, uma referência clara ao lugar da humanidade em geral, na criação, remetendo a Gênesis 1 e 2 e ao mandato da humanidade de cuidar do mundo que Deus havia criado.

O autor de Hebreus sem dúvida está ciente dessa leitura tradicional do Salmo 8, mas ele introduz, em vez disso, uma leitura cristológica deste texto. A frase, Filho do homem, é um título frequentemente associado a Jesus e às tradições do evangelho, e isso se torna o ponto de entrada do autor para aplicar o texto ao Filho, Jesus. Traduções modernas que estão comprometidas com a linguagem neutra em termos de gênero, onde os seres humanos estão envolvidos, muitas vezes obscurecem isso ao tornar a frase Filho do homem mais geralmente como mortais e ao mover dele para eles nos versos que se seguem.

Isso faz todo o sentido para traduzir o salmo de acordo com sua aplicação tradicional aos seres humanos em geral, mas obscurece completamente o que o autor de Hebreus está aproveitando no texto do salmo para fazer sua interpretação funcionar, ou seja, a linguagem precisa do Filho do homem que também é a maneira favorita de Jesus se referir a si mesmo nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas. Dessa forma, introduz a distância entre o texto do salmo e a interpretação do autor desse texto que não existe em grego. A versão da Septuaginta do salmo tem uma reviravolta particular que o torna mais fácil de aplicar a Jesus.

Em Hebreus, é inequívoco que Deus colocou os seres humanos um pouco abaixo dos anjos. Os seres humanos são apenas um pouco inferiores aos anjos na escada da criação. Quando essa mesma palavra hebraica que nos dá a medida espacial de um pouco é traduzida para o grego, ela se torna ambígua.

Poderia ser espacial ou temporal, um pouco mais baixo, ou por um tempinho mais baixo. O pregador de Hebreus explora a segunda possibilidade de criar uma leitura encarnacional do salmo e então focar em eventos sequenciais no curso de Jesus. A encarnação do Filho envolveu temporariamente aceitar um status inferior abaixo dos anjos.

Mas seguindo-se a esse tempo, o Filho foi glorificado. Você o coroou com glória e honra. Essa glorificação seguiu-se à morte e ascensão do Filho e retorno ao reino divino e sessão à direita de Deus.

O último passo nesta história, você sujeitou todas as coisas sob seus pés, ainda está para ser cumprido, como o próprio autor de Hebreus confessa no capítulo 2, versículo 9. Ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele. Há uma conexão aqui entre este texto do salmo e o Salmo 110 versículo 1, que foi recitado anteriormente no sermão: sente-se à minha direita até que eu faça de seus inimigos um escabelo para seus pés. Neste salmo, você sujeitou todas as coisas sob seus pés.

Então, novamente, isso se torna um ponto de conexão para o autor ler o texto Cristologicamente. O autor continua no versículo 9 para aplicar a linguagem deste salmo especificamente a Jesus. Ainda não vemos tudo sujeito a ele, mas vemos aquele que por um pouco de tempo foi submetido abaixo dos anjos, Jesus, que, por conta do sofrimento da morte, foi coroado com glória e honra para que ele pudesse, pela graça de Deus, provar a morte em favor de todos.

Nesta leitura, o autor trouxe o texto do salmo completamente para a vida de Jesus e para a experiência do público com a história de Jesus até então. Mas ele introduz agora nesta interpretação uma parte extra, a saber, que este filho do homem morreu em nome de todos e que este foi de alguma forma um ato que foi realizado para beneficiar os outros e foi uma manifestação do próprio favor de Deus. Foi um ato de autodoação que impôs uma obrigação ao público, os destinatários.

Agora, em tudo isso, o autor ainda não chegou ao que teria sido o ponto principal do salmo. Como é que a humanidade chega à glória e à honra? Este será o tópico do segmento a seguir, à medida que prosseguimos com o desenvolvimento do autor deste salmo em Hebreus 2, versículo 10. Após a apresentação do autor desta leitura centrada em Cristo do Salmo 8, o autor começa a explicar por que um Messias sofredor era parte do plano de Deus.

Lemos: Pois convinha que aquele, por cuja causa eram todas as coisas, e por meio de quem tudo existe, conduzindo muitos filhos e filhas à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o autor da salvação deles. Nas palavras de abertura aqui, pois era apropriado, vemos o autor explicitamente oferecendo este versículo como uma justificativa para o material precedente, o fato de que Jesus teve que suportar primeiro a humilhação de se tornar humano e, então, a humilhação adicional da

morte na cruz antes de sua glorificação e exaltação. O que era apropriado? Era apropriado aqui, diz o autor, aperfeiçoar Cristo, o autor ou líder do caminho para a libertação por meio de sofrimentos.

O que aperfeiçoar significa em Hebreus tem sido o tópico de muitas dissertações. Aqui, deixe-me simplesmente sugerir que a linguagem perfeita em Hebreus tem a ver, em grande parte, com levar algo ao ponto final de um processo de desenvolvimento para o qual foi destinado. Isso poderia ser aplicado em muitos contextos diferentes.

A criança é aperfeiçoada quando se torna adulta. O ser humano chega à plena fruição quando a maturidade é alcançada. Um iniciado nas religiões de mistério do mundo antigo, um iniciado é aperfeiçoado quando o rito de iniciação é concluído.

Na linguagem de Êxodo 29, na tradução da Septuaginta do Antigo Testamento, os sacerdotes eram aperfeiçoados quando seu rito de ordenação era completado. Neste caso, então, Jesus seria aperfeiçoado não porque alguma deficiência percebida em si mesmo foi finalmente remediada, mas sim porque ele foi levado àquele ponto final para o qual Deus o estava conduzindo ou guiando. Isso provavelmente deveria ser lido como o retorno de Cristo em glória ao reino celestial, a travessia de Cristo de volta para o reino permanente da presença de Deus, instalado ali como o grande sumo sacerdote e mediador entre Deus e toda a humanidade.

Por que foi apropriado levar Cristo àquela posição exaltada de sumo sacerdócio universal por meio de sofrimentos? Provavelmente porque, na mente do autor, o sofrimento seria o caminho pelo qual os muitos filhos e filhas chegariam à glória. Assim, na previsão de Deus, Deus trouxe o pioneiro dos muitos filhos e filhas, o desbravador de sua libertação, até aquele ponto final da jornada por meio de sofrimentos também. Os muitos filhos e filhas têm benefícios diante deles ainda a serem desfrutados e, em particular, o autor aqui se concentra em entrar naquela glória na qual Jesus já entrou no reino celestial, no reino permanente da habitação de Deus.

O autor parece estar sugerindo que a maneira pela qual o sentido geral do Salmo 8, Salmo 8 como uma declaração sobre a glória que pertencerá à humanidade, a maneira pela qual o sentido geral do Salmo 8 acontece é através da agência de Jesus, o Filho, o pioneiro em quem essa profecia litúrgica agora se cumpre. Doxa, glória, é uma palavra-chave tanto no texto do Salmo quanto na recitação do texto do Salmo em Hebreus 2, versículos 7 a 9. Esta é uma palavra que corresponde à necessidade pastoral dos ouvintes do autor na medida em que honra, doxa, ou timeh, é precisamente algo que eles perderam neste mundo como resultado de terem vindo para se juntar ao movimento cristão em primeiro lugar. Assim, o autor assegura-lhes que seu destino não é continuar a viver em desgraça ou vergonha como eles atualmente experimentam a vida sob a sombra de seus vizinhos que não os apoiam,

mas seu destino é compartilhar a própria glória que o próprio Filho exaltado desfruta.

Tendo conectado a glória do Filho com a glória que viria aos muitos filhos e filhas que seguiriam o caminho que Jesus abriu, o autor agora se detém na solidariedade do Filho com os muitos filhos e filhas, e ele faz isso com algumas aplicações engenhosas de textos do Antigo Testamento. Conforme lemos em Hebreus 2, versículos 11 a 13, Pois o que santifica e os que estão em processo de serem santificados são todos de um. Por essa razão, ele não se envergonha de chamá-los irmãos, dizendo: Anunciarei o teu nome aos meus irmãos.

No meio da assembleia, eu te louvarei. E outra vez, eu estarei confiante nele. E outra vez, eis aqui estou eu, e os filhos que Deus me deu.

Nesta série de citações bíblicas, então, o autor colocou nos lábios do Filho palavras de um salmo, o Salmo 22, e palavras de Isaías para fornecer, por assim dizer, evidência bíblica da solidariedade contínua de Jesus com os muitos filhos e filhas. Quando ele diz que aquele que santifica e aqueles que estão sendo santificados são todos de um, provavelmente significando todos de uma fonte, o autor ressoa com o discurso estoico sobre a fraternidade universal dos seres humanos. Por exemplo, Sêneca, o filósofo romano ativo na primeira metade do primeiro século d.C., escreve: Todos nós viemos da mesma fonte, temos a mesma origem.

O céu é o único pai de todos nós. Além disso, Paulo, em seu discurso diante do Areópago em Atos capítulo 17, cita um filósofo estoico chamado Arato. Somos todos seus descendentes.

Somos todos descendentes de Deus. Mas aqui em Hebreus, a ênfase não está primariamente na solidariedade de todas as pessoas. Em vez disso, está na solidariedade do Filho exaltado com os muitos filhos e filhas menos exaltados que ainda estão para desfrutar da estima que é inerente a esse vínculo.

E como os ouvintes podem saber que eles desfrutam dessa conexão com o Filho exaltado? O autor fornece evidências para essa causa, ele não tem vergonha de chamá-los de irmãos e irmãs. Essa alegação que o autor faz é apoiada pela recitação de três textos autoritativos apresentados como o modo em que o Filho possui suas irmãs e irmãos. O primeiro deles, Anunciarei seu nome aos meus irmãos e irmãs no meio da congregação Eu te louvarei, é tirado do Salmo 22, o final de um salmo famosamente dado uma leitura messiânica na igreja primitiva.

Este é o salmo que começa: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Desde a criação inicial das narrativas da paixão, onde Jesus recita este versículo de abertura do salmo da cruz, a igreja primitiva é exposta a uma leitura messiânica e centrada em Cristo deste salmo. Este é um movimento hermenêutico impressionante por parte do

autor aqui nas etapas seguintes, pois ele coloca textos do Antigo Testamento nos lábios de Jesus como uma estrutura apropriada para interpretar esses textos. Quando ele passa então para as citações seguintes, ele pega o que era originalmente um único texto consecutivo em Isaías 8, versículos 17 e 18, e o divide em duas citações diferentes.

Dessa forma, ele é capaz de dar a cada metade um sentido um tanto diferente do que tinha em Isaías. Por exemplo, em Isaías, a declaração, eu estarei confiante nele, era uma expressão da confiança do profeta em Deus. Aqui, no entanto, estamos sendo levados pelo autor a ouvir isso como a expressão de confiança do filho em cada um daqueles a quem ele chama de irmão ou irmã, já que esse é o título sob o qual todos os três textos estão sendo recitados em Hebreus 2:11 a 13.

O próximo segmento da citação de Isaías, olha, aqui estou eu e os filhos que Deus me deu, foi originalmente uma declaração do profeta a respeito de seus próprios filhos, que no contexto agora incluía Mahar-Shalal-Hashbas, a quem o profeta nomeou como sinais e presságios para os habitantes de Jerusalém. O autor de Hebreus agora o toma como um oráculo falado pelo próprio filho, fornecendo mais uma prova da disposição aberta do filho de se identificar e confessar solidariedade com os muitos filhos e filhas. O pregador está falando aqui sobre a honra que seus ouvintes possuem, mesmo que seus vizinhos não a reconheçam atualmente, buscando fazê-los se sentirem desonrados.

O filho, cuja exaltação foi o assunto em grande medida de Hebreus 1:1 a 2:9, tem consideração suficientemente alta pelos crentes que não considera nenhuma desgraça para ele ser associado a eles da maneira mais próxima. Quanto menos, por implicação, os ouvintes deveriam pensar que é uma fonte de vergonha para eles serem associados a Jesus? Se ele está disposto a depositar tal confiança neles, como eles podem trair tal confiança? Um dos benefícios que o autor de Hebreus enfatiza que Jesus conquistou para seus seguidores é a liberdade do medo da morte.

Ele traz isso à expressão no capítulo 2, versículos 14 e 15. Desde então, os filhos compartilharam carne e sangue; ele próprio compartilhou plenamente das mesmas coisas, para que, por meio da morte, ele pudesse destruir aquele que tem poder sobre a morte, isto é, o diabo, e libertar aqueles que durante toda a vida foram mantidos sujeitos à escravidão pelo medo da morte. Nesta passagem, enquanto o autor continua a enfatizar a solidariedade do filho com os muitos filhos e filhas, todos os quais agora compartilharam a fragilidade da carne e do sangue, o autor trouxe um tópico filosófico de como um sábio ou um herói pode libertar seus seguidores do medo da morte e seus efeitos paralisantes no comprometimento humano com a virtude e a coragem diante das dificuldades.

Epicteto, o antigo filósofo estoico que na verdade teria sido um contemporâneo posterior do autor de Hebreus, escreve que a Morte, por exemplo, não é nada

assustadora, ou então teria assustado Sócrates. Sócrates foi lembrado em seu confronto destemido com a morte em sua aceitação da taça de cicuta que lhe fora designada pela assembleia ateniense. Este Sócrates era um herói aos olhos desses filósofos, ensinando que a morte e cada sombra de morte que pudesse surgir em nosso caminho era algo que o sábio de mente temperada poderia suportar e, portanto, não algo que subverteria desnecessariamente seu comprometimento em fazer a coisa certa.

Sêneca explica isso ainda mais completamente em uma de suas epístolas morais. Sócrates, na prisão, recusou-se a fugir quando certas pessoas lhe deram a oportunidade para que ele pudesse libertar a humanidade do medo de duas coisas mais graves: morte e prisão. O autor de Hebreus olhou para Jesus como alguém que realizou a mesma coisa, até mesmo em uma escala maior, para os seguidores de Jesus.

Ele une esse tópico filosófico do sábio confrontando destemidamente a morte com uma visão de mundo apocalíptica mais judaica e cristã da batalha cósmica entre as forças de Deus aqui na pessoa do Filho e Satanás, o inimigo cósmico de Deus e da humanidade. A morte de Jesus é tanto um ato de libertação dos cativos quanto uma vitória sobre seu captor espiritual. Liberdade do medo da morte significa liberdade de qualquer coerção externa.

Isso deve desafiar os ouvintes a considerar seus desafios e suas situações como coisas que eles são moralmente capazes de enfrentar. Eles não precisam ser subvertidos em sua lealdade a Jesus por essas sombras mais pálidas de morte que eles encontraram, como vergonha, reprovação e perda de propriedade. Esta declaração da libertação deles por Jesus é mais uma causa de lealdade e gratidão, e também deve impedir a deserção e encorajar o reinvestimento por parte desses destinatários em seu serviço a Jesus e sua promoção da honra de Jesus.

O autor continua nos versículos finais do capítulo 2 para falar das qualificações de Jesus para ajudar os muitos filhos e filhas. Ele escreve: Pois não são os anjos que ele ajuda, mas ele ajuda a semente de Abraão, de onde ele foi obrigado em todos os aspectos a ser feito semelhante a seus irmãos e irmãs, a fim de que ele pudesse se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel com relação às coisas de Deus, com o propósito de fazer expiação pelos pecados do povo. Pois naquilo que ele sofreu, sendo ele mesmo tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que são tentados.

Nesta passagem, encontramos o autor usando uma recontextualização estendida de algumas linhas do capítulo 41 de Isaías, onde o profeta diz: Semente de Abraão, a quem eu amava, a quem tomei posse, eu sou o teu Deus que te ajudou. Apoderar-se dos mortais e efetuar sua libertação obrigou o Filho a ser feito como aqueles a quem ele procurou resgatar e ajudar. Isso retorna ao tópico anterior de por que era apropriado para o Filho entrar na glória somente através do sofrimento.

Foi por esse meio que Deus pôde fazer de Jesus o mais eficaz e sensível ajudante e corretor do favor de Deus que Jesus poderia ser. Esta passagem introduz o termo *archireus*, ou sumo sacerdote, que se torna uma categoria principal sob a qual o pregador examinará a obra, tanto passada quanto presente, de Jesus em favor dos muitos filhos e filhas. Os sacerdotes no mundo antigo eram construtores de pontes entre o divino e o humano.

De fato, a palavra latina para padre, *pontifex*, é literalmente construtor de pontes. O uso frequente da palavra mediador em Hebreus para descrever o papel de Jesus é outro reflexo dessa consciência da importância de um padre como alguém que conecta humanos neste reino com o divino em um reino de outra forma inacessível. Esta é uma forma de corretagem.

No mundo antigo, um dos presentes valiosos que um patrono podia dar a outra pessoa era o acesso a um dos outros amigos ou patronos de posição mais alta desse patrono. Nesse caso, o patrono não estava dando um presente real de assistência, e ele estava fazendo uma conexão entre a pessoa que veio até ele em busca de ajuda e o recurso maior, o patrono maior que poderia fornecer essa ajuda. Esse é o tipo de relacionamento que sustenta o pensamento antigo sobre os sacerdotes como corretores, mediadores e construtores de pontes.

O autor se detém aqui no sofrimento do filho como, de alguma forma, um pré-requisito para sua habilidade como benfeitor. Sua própria experiência, sua própria luta com provações e testes, o equipou para vir em auxílio das muitas crianças que passam por tentações. Ele próprio foi mais longe na resistência a provações e dificuldades do que qualquer um dos destinatários seria chamado a viajar.

E assim eles nunca se encontrarão em um lugar onde Jesus não será simpático à sua situação, não saberá por experiência própria o desconforto que suas necessidades criam. O público, espera o pregador, não pode escapar do sermão sem ouvir que tudo o que Jesus suportou foi por mim e, portanto, ser renovado em sua gratidão e lealdade para com um benfeitor tão grande. O autor de Hebreus se concentra em Jesus como um sumo sacerdote, e isso o diferencia de muitos de seus pares canônicos, onde Jesus é mais frequentemente retratado como um messias real do que como um messias sacerdotal.

No entanto, enquanto o messias real, o filho de Davi é mais comum, algumas expectativas messiânicas ao longo do período do Segundo Templo se desenvolveram em torno de uma figura sacerdotal. Isso remonta a alguns desenvolvimentos estranhos no sumo sacerdócio durante o início do século II a.C., particularmente a ruptura da linha normal do sumo sacerdócio sob o monarca selêucida Antíoco IV, quando os aspirantes a sumo sacerdócio começaram a licitar e receber o cargo de sumo sacerdote do rei gentio. Grandes grupos de judeus ficaram bastante

descontentes com o cargo de sumo sacerdócio como um todo e a esperança por um futuro sacerdote que oficiaria corretamente, que faria o que os sacerdotes deveriam fazer em vez do que esses pretendentes a sumo sacerdote estavam fazendo na Judeia começou a se tornar proeminente.

Por exemplo, entre os Manuscritos do Mar Morto, encontramos uma esperança bastante proeminente não apenas para um messias de Israel, mas também para um messias de Aarão, uma figura sacerdotal. A residência de Qumran alimentou a expectativa de que Deus restauraria a monarquia a Davi e que ele restauraria o sacerdócio a Zadoque. Um dos autores de um desses pergaminhos escreve que esse futuro sacerdote expiará todos os pecados de sua geração e será enviado a todos os filhos de seu povo.

Sua palavra é como uma palavra do céu, e seu ensino está de acordo com a vontade de Deus. Seu sol eterno brilhará, e seu fogo brotará para todos os confins da terra. Ele brilhará sobre as trevas. As trevas passarão da terra e as trevas profundas da terra seca.

Esses autores esperavam um líder sacerdotal cujas ofertas seriam aceitáveis a Deus e cujos ensinamentos estariam de acordo com a lei de Deus. Uma das testemunhas mais extensas no mundo antigo dessa esperança por um messias sacerdotal vem novamente do Testamento de Levi, particularmente do capítulo 18. Perto do fim desse testamento, lemos que quando a vingança vier sobre eles do Senhor, o sacerdócio irá caducar.

E então o Senhor levantará um novo sacerdote a quem todas as palavras do Senhor serão reveladas. Este brilhará como o sol sobre a terra. Ele tirará todas as trevas de debaixo do céu.

Do templo da glória, a santificação virá sobre ele com uma voz paterna, como de Abraão a Isaque. E a glória do Altíssimo irromperá sobre ele. E o espírito de entendimento e santificação repousará sobre ele.

Não haverá sucessor para ele de geração em geração para sempre. Em seu sacerdócio, o pecado cessará. E os sem lei descansarão de suas más ações.

E os justos encontrarão descanso nele. E ele abrirá os portões do paraíso. Ele removerá a espada que ameaçou desde Adão.

E ele concederá aos santos comer da árvore da vida. O espírito de santidade estará sobre eles. E Belial será preso por ele.

Podemos encontrar algumas conexões próximas entre expectativas de um Messias sacerdotal e textos como o Testamento de Levi com a Cristologia sacerdotal de

Hebreus. Encontramos a expectativa de que Deus nomeia esse sacerdote diretamente. Que esse sacerdote será um mediador confiável da palavra de Deus.

Que Deus considerará esse sacerdote em algum sentido como um filho. Que esse sacerdote não terá sucessor. Podemos comparar o que o autor de Hebreus dirá sobre Jesus como um sumo sacerdote para sempre.

Que este sacerdote fará cessar o pecado. E que este sacerdote abre o caminho para o reino eterno. O Testamento de Levi usou a linguagem do paraíso para isso.

O autor de Hebreus usa a linguagem do descanso celestial ou do país celestial ou mesmo do santo dos santos celestial. Eles também compartilham a expectativa de que o Messias sacerdotal defenda a causa de sua dependência do diabo. Chamado de Belial aqui no Testamento de Levi.

Apesar de todas essas similaridades, as diferenças são igualmente notáveis. Esses modelos nos textos do período do segundo templo ainda não sugerem um sumo sacerdote celestial que funcionará no verdadeiro santuário do reino divino. A função intercessória do Messias sacerdotal também é silenciada nesses textos, se presente.

E certamente não há nada como a ideia do auto-sacrifício do Messias sacerdotal como uma oferta de purificação pelos pecados. Nessas facetas, o autor de Hebreus se mostra um grande inovador nas tradições que ele pode ter herdado de sua herança judaica. Hebreus capítulo 2, versículos 5 a 18, contribui para a estratégia retórica do autor de várias maneiras importantes.

Nesta seção, ele continua a focar seus ouvintes em Jesus. Jesus é o que o pregador quer que os ouvintes vejam, para manter diante dos olhos da mente em todas as situações. O autor também enfatiza aqui a esperança de glória que está diante do público, apoiando, portanto, sua resistência contínua a uma distinta falta de honra em suas circunstâncias atuais.

O autor também começou a desenvolver os benefícios que vieram aos ouvintes por causa da doação e sacrifício de Jesus. Por exemplo, os ouvintes foram libertados do medo da morte e Jesus foi aclimatado aos tipos de provações que seus muitos irmãos e irmãs enfrentariam para que ele pudesse ser o mediador mais eficaz em seu favor. O resultado disso é que o alinhamento contínuo com Jesus em gratidão e lealdade deve ser impressionante para os ouvintes como o único caminho nobre a seguir.

O autor também busca impressionar os ouvintes de que eles têm todos os motivos para permanecerem firmes diante das tentativas do próximo de subverter seu comprometimento. Mais particularmente, eles têm a assistência contínua do próprio Filho de Deus, que os equipará para suportar e superar qualquer tentação se eles

apenas confiarem nele, confiando em sua capacidade de ajudá-los. Esta porção de Hebreus também continua a falar de desafios particulares e a fazer contribuições perenes para nossa caminhada de discipulado.

Ela nos desafia a manter a fé naquele que manteve tal fé conosco, como vemos em Jesus. Se bebermos em nós mesmos a mensagem do autor de que tudo o que Jesus suportou foi suportado para nosso benefício, por nossa causa, manter a fé nele através de quaisquer dificuldades, provações ou sofrimentos que surjam em nosso caminho se torna o único curso de ação nobre para nós. O autor também nos lembra que qualquer tentação ou qualquer situação de teste em que nos encontremos, Jesus é uma ajuda presente e pode nos dar o que precisamos para passar por esse episódio de tentação ou teste ilesos.

Muitas vezes, quando somos tentados, nesse sentido, acho que principalmente tentados por nossos próprios desejos ou impulsos de virar para a direita ou para a esquerda do caminho que Deus colocaria diante de nós, muitas vezes, não trazemos Jesus para essa situação de tentação. Muitas vezes, quando somos testados, e por teste, tenho em mente aquelas situações em que não é realmente algo dentro de nós, mas algo fora de nós que está pesando sobre nós e tentando nos pressionar a nos acomodarmos ao caminho que o mundo escolheria para nós, muitas vezes nessas situações, também, falhamos em trazer Jesus para essa situação. Assim como o autor de Hebreus está lembrando sua congregação da presença de Jesus e da capacidade de ajudar aqueles que se tornaram a semente de Abraão espiritualmente, o autor também falaria conosco e nos exortaria em qualquer situação a aprender o hábito de correr para o trono da graça e, no momento, orar a Jesus e convidá-lo para que ele possa nos levantar naquela situação de provação ou tentação, nos reorientar no caminho a seguir e nos lembrar, por sua presença e por seu exemplo, do caminho que leva à integridade e honra duradouras, que sempre será o caminho da obediência a Deus, seja lá o que isso signifique em termos de abnegação ou perseverança diante da pressão externa.

O autor também nos desafia a experimentar o que significa ser liberto do medo da morte. O medo da morte subverte a coragem humana diante da coerção externa ou de qualquer coisa que ameace perda ou pior. O medo da morte é o que torna as pessoas tímidas diante da injustiça, seja pessoalmente vivenciada ou testemunhada.

O medo da morte subverte nosso comprometimento em investir na vida para a qual Deus nos chama, nos fazendo pensar que precisamos viver mais e mais para esta vida e para as coisas desta vida porque esta vida tem um fim, depois do qual há um grande desconhecido ou talvez até mesmo nada. O medo da morte é o que, em última análise, nos leva de maneiras disfuncionais para tentar proteger nossa vida, para garantir algum senso de permanência aqui por causa dessa sensação persistente de que nossa dissolução ou ser dissolvido pelo nada está sempre lá fora, na nossa frente. Esse medo da morte pode nos levar à superação, pode nos levar a

tentar acumular riqueza para nós mesmos e um tesouro para nós mesmos que se torna uma espécie de isolamento contra a morte por ser um isolamento contra qualquer desejo ou necessidade.

Pode nos levar a comportamentos compulsivos e controladores enquanto tentamos regimentar a vida e manter o caos à distância. De todas essas maneiras, o medo da morte subverte as intenções de Deus para o ser humano. Nesta declaração de que Jesus libertou seus seguidores do medo da morte, o autor nos desafia a descobrir o que nosso projeto se torna, o que a vida humana se torna se realmente bebermos na crença de que a morte não é o princípio e o fim de nossa existência e se, de fato, não foi para esta criação material que estamos destinados.

Se nos apegarmos à nossa transcendência da morte, à promessa da ressurreição, juntamente com o chamado de Deus para amar a retidão e odiar a ilegalidade, somos grandemente fortalecidos para lutar nesta vida pelos valores de Deus e pela visão de Deus, mesmo diante de grande perda pessoal e oposição. Tal orientação para o mundo também nos lança uma tábua de salvação pela qual podemos ser retirados das armadilhas emaranhadas de nossas próprias buscas de defesa contra a morte, libertando-nos para servir não ao nosso próprio medo e inseguranças, mas a uma agenda diferente, maior e centrada em Deus.